

Introdução de Novas Espécies de *Salix* (*Salicaceae*) no Planalto Sul de Santa Catarina, Brasil

Vicente Pongitory Gifoni Moura¹

O material conhecido como vime é produto de espécies do gênero *Salix*, da família das salicáceas, o qual se destaca pelo seu valor econômico.

Existem cerca de 300 espécies conhecidas de árvores e arbustos de *Salix*, distribuídos em diferentes latitudes da Europa, Ásia, América do Norte e no norte e sul da África, além de muitas outras variedades e híbridos. Na América do Sul, existe apenas uma espécie nativa, *Salix humboldtiana* Wiild, que ocorre naturalmente desde o sul do México (23° N) até a província de Chubut, na Argentina (45° S), ao longo de rios e canais.

Apesar do fato deste gênero estar associado a solos úmidos de climas frios e temperados, existem várias espécies de *Salix* que se adaptam perfeitamente a áreas secas, incluindo zonas alpinas e de altas latitudes, como o ártico.

Os exemplares arbóreos de *Salix* são conhecidos como salgueiro, salso, chorões (willows); as formas arbustivas, de uso tradicional em artesanato e cestaria, são denominadas de "vime". A literatura destaca pela boa qualidade na confecção de cestas, *Salix viminalis* L., *Salix purpurea* L., *Salix cinerea* L., *Salix caprea* L., *Salix triandra* L., *Salix alba* L. subsp. *vitellina* e *Salix fragilis* L.

O cultivo do vime tem sido objeto de interesse há séculos, devido o fato de que a madeira de *Salix*, tanto arbórea

como arbustiva, é fácil de ser trabalhada e de ser propagada. Existem relatos antigos sobre a utilização do vime e a Bíblia relata que no reinado de Ramsés II, no Egito, Moisés foi resgatado das águas do Nilo, em cesta de vime. Em Ur se descobriram sarcófagos de vime que datam de mais de 5.000 anos.

Acredita-se que o início do cultivo do *Salix* em rotações curtas teve início na área norte do Mediterrâneo, onde este gênero ocorre naturalmente.

Na Europa, o *Salix* é bastante cultivado desde o início do século passado, registrando-se grandes áreas plantadas na França, chegando a mais de 100.000 hectares plantados.

Com o aumento e o barateamento de combustíveis e de produtos sintéticos, os quais substituíram o vime, o seu cultivo foi diminuído sensivelmente. Somente em alguns países do leste europeu, como a ex União Soviética, Polônia e Hungria, manteve-se o cultivo do vime como antes.

Atualmente, existem poucos países do mundo interessados na fabricação de móveis de vime. Durante muito tempo existiu uma indústria desenvolvida na França, Espanha e Itália, países que mantêm uma pequena produção destinada fundamentalmente à elaboração de produtos muito específicos de alta qualidade, que os permite diluir os altos custos associados. Uma indústria em

¹ Eng. Florestal, PhD, Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. E-mail: vmoura@cenargen.embrapa.br

desenvolvimento existe nos países do leste europeu, onde os custos da terra e a mão de obra são mais reduzidos. Polônia e Hungria são os maiores comerciantes do vime bruto na região, com volumes ainda muito pequenos.

O Chile, na América do Sul, vem utilizando o *S. viminalis*, em trabalhos de cestaria, movelaria e artesanato de vime.

Espécies de *Salix* produtoras de vime foram introduzidas no Brasil há mais de meio século em São Paulo e nos estados do Sul. M. Pio Corrêa¹ cita as espécies *S. alba* e *S. purpurea* como introduzidas e aclimatizadas no Brasil, como também ressalta os seus valores medicinais, na produção de “salicina” e na fabricação de perfumes artificiais e empregados no tratamento de reumatismo e de outras doenças febris. Também introduzida temos o tradicionalmente “chorão”, *Salix babilônica* L., empregado como ornamental.

De acordo com a especialista em vime, a alemã Bettina Braun, que visitou as áreas de produção de vime no Planalto Sul de Santa Catarina, o material usado no Brasil é um híbrido (*X Salix rubens* Schrank), cruzamento de duas espécies européias, *S. alba* e *S. fragilis*, o qual foi introduzido no Brasil há mais de meio século dispersando-se pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul. Neste último estado, as varas-palitos de vime serviram durante décadas para amarrar os parreirais de uva dos imigrantes italianos até perderem a vez para as fitas plásticas. Ainda hoje os gaúchos respondem por 10% da produção nacional. Porém, foi no planalto sul-catarinense, especificamente na bacia do rio Canoas, que a planta encontrou as melhores condições para se desenvolver. Pode ser encontrada com abundância nas margens dos rios Gargantilha, Tigre, Rufino e nos Arroios Macaco e Lava-Tudo e de outros afluentes do Rio Canoas. Hoje, esse híbrido ocorre espontaneamente nas margens dos cursos d'água, e está sendo cultivado em várzeas, especialmente nos municípios da região de Lages.

O pesquisador Dieter Brandes² cita como problema central na qualidade das varas de vime a qualidade do material genético utilizado, o seu cultivo, o processo de descascamento e o armazenamento. O híbrido, por ser de porte arbóreo originalmente, tende a ramificar, tem alta produção de medula e baixo teor de lenho, o que leva à perda de resistência, flexibilidade, torcedura e elasticidade, características essenciais à viabilidade de fabrico de peças artesanais.

Para dar andamento ao projeto de “Desenvolvimento Sustentável da Cultura do Vime (*Salix* spp.) para Artesanato no Planalto Catarinense”, um dos objetivos

principais é a ampliação da base genética, através da introdução de novas espécies, que possam se adaptar às condições climáticas e edáficas da região, como também possam fornecer varas-palitos de vime de melhor qualidade e também através de cruzamentos das novas espécies introduzidas, identificar-se híbridos com potencial de crescimento e que sejam produtivos e forneçam produtos com qualidade, já que a forma mais comum de reprodução do vime é através de estacas.

A Epagri, juntamente com a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), iniciou um esforço de introdução no país de outras espécies de *Salix*, fornecedoras de vime. Para tanto, contatos foram mantidos com viveiristas e produtores de vime em países da Europa e da América do Sul, no sentido de introduzir no Brasil material genético de *Salix* ainda não utilizado no país.

Como resultado, houve respostas positivas e já foi recebido material de diferentes espécies da Alemanha (Tabela 1) e (Tabela 2) e Portugal.

Da Alemanha foram recebidas 19 espécies e variedades, inclusive espécies consideradas como as mais indicadas para a produção de vime como: *S. viminalis*, *S. purpurea*, *S. cinerea*, *S. caprea*, *S. alba* e *S. fragilis*. De cada espécie foram enviadas um número variável de mudas (Tabela 1), com altura de cerca de 50 cm e com várias ramificações, permitindo a coleta de várias estacas de cada muda. Entretanto, como essas mudas chegaram com raiz nua, o pegamento das mesmas foi variável, chegando se à perda total de algumas espécies, como o caso das espécies *S. purpurea var nana* e *S. repens var. argentea*. Entretanto, considerando-se as espécies mais importantes para a produção de vime, o pegamento variou de 60 a 100%, com exceção de *S. viminalis*, cujo percentual de sobrevivência foi apenas de 40%. Entretanto, essa perda foi amenizada com introduções feitas através de mais material da Alemanha (Tabela 2) e Portugal, de onde foram importadas as espécies mais importantes para a produção de vime.

Uma leva de material da Alemanha chegou em forma de mudas e a outra em forma de estacas. Estas últimas passaram rapidamente pelos processos quarentenários e foram enviadas para multiplicação na estação experimental de Lages, Santa Catarina. O mesmo destino foi dado às estacas de *S. viminalis* chegadas de Portugal.

Contatos têm sido mantidos com outras entidades internacionais, que se dedicam ao cultivo deste importante gênero, para importação de mais material. Na América do Sul, o Chile, que possui um programa bem estruturado de cultivo do vime, seria parceiro ideal, porém até o momento não se teve sucesso no recebimento de material daquele país.

⁽¹⁾ Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas (1978).

⁽²⁾ Comunicação pessoal, Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina EPAGRI,

Tabela 1. Relação de espécies de *Salix* originárias da Alemanha, na forma de mudas (I = número de mudas introduzidas), com informações sobre mortalidade de mudas (M) e percentagem de sobrevivência (%), após permanência em casa de vegetação por 40 dias, no Cenargen, para enraizamento e observações quarentenárias

Espécie	Nomes comuns	I	M	%
<i>Salix alba</i> L.	<i>white willow, golden weeping willow</i>	5	0	100
<i>Salix alba</i> L. var. <i>liempde</i>	silberweide	5	1	80
<i>Salix alba</i> L. var. <i>tristis resistenta</i>	traurweide	1	0	100
<i>Salix aurita</i> L.	eared willow, öhrchenweide	5	0	100
<i>Salix balsamifera</i> Barrat ex Anderson var mas	<i>Gelbesteinweide</i>	5	0	100
<i>Salix caprea</i> L.	<i>goat willow or sallow, salweide</i>	5	0	100
<i>Salix caprea</i> L. var <i>silberglanz</i>		5	0	100
<i>Salix cinerea</i> L.	grey willow, water sallow	5	0	100
<i>Salix erythroflexuosa</i> ³		5	1	80
<i>Salix fragilis</i> L.	crack willow, , permanent wave tree, bruchweide	3	1	66
<i>Salix matsudana</i> Koidzumi var <i>tortuosa</i>	corkscrew willow, Scarlet curls willow, zickzackweide peking willow	5	4	80
<i>Salix purpurea</i> L.	<i>purple willow, purple osier, purpurweide</i>	4	0	100
<i>Salix purpurea</i> L. var <i>nana</i>	dwarf blueleaf artic willow, dwarf purple osier, kugelweide	5	5	0
<i>Salix repens</i> var. <i>argentea</i> L. (SM.) F. G. Camus & A. Camus	<i>creeping willow, silberkriechweide</i>	4	4	0
<i>Salix rosmarinifolia</i> L.	<i>slender willow, rosmarinweide</i>	5	0	100
<i>Salix sachalinensis</i> var <i>sekka</i>	fishtail willow	5	4	20
<i>Salix smithiana</i>	<i>kükublerweide</i>	5	0	100
<i>Salix viminalis</i> L	<i>osier, common osier, korbweide</i>	5	3	40

⁽³⁾ Numa pesquisa realizada na internet, a única informação obtida foi de que *S. erythroflexuosa* é uma curiosa pequena árvore, originária da Argentina.

Tabela 2. Relação de espécies de *Salix* originárias da Alemanha, na forma de estacas.

Espécie	Origem
<i>Salix viminalis</i> L.	Stuttgart, Alemanha
<i>Salix triandra</i> (sin: <i>Salix amygdalina</i>) L. (Almond-leaved willow)	Stuttgart, Alemanha
<i>Salix eriocephala</i> Michx (sin: <i>S. americana</i> , <i>S. rigida</i> e <i>S. cordata</i>) Diamond willow, Missouri willow	Stuttgart, Alemanha
<i>Salix purpurea</i>	Stuttgart, Alemanha
<i>Salix alba</i> subsp. <i>vitellina</i>	Stuttgart, Alemanha

⁽³⁾ Numa pesquisa realizada na internet, a única informação obtida foi de que *S. erythroflexuosa* é uma curiosa pequena árvore, originária da Argentina.

Comunicado Técnico, 71

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
 Serviço de Atendimento ao Cidadão
 Parque Estação Biológica, Av. W/5 Norte (Final) -
 Brasília, DF. CEP 70.770-900 - Caixa Postal 02372
 PABX: (61) 448-4600 Fax: (61) 340-3624
<http://www.cenargen.embrapa.br>
 e.mail:sac@cenargen.embrapa.br

Ministério da Agricultura,
 Pecuária e Abastecimento

1ª edição

1ª impressão (2002): 150 unidades

Comitê de publicações

Presidente: José Manuel Cabral de Sousa Dias
Secretário-Executivo: Miraci de Arruda Camâra Pontual
Membros: Antônio Costa Allem
 Marcos Rodrigues de Faria
 Marta Aguiar Sabo Mendes
 Sueli Correa Marques de Mello
 Vera Tavares Campos Carneiro

Expediente

Supervisor editorial: Miraci de Arruda Camâra Pontual
Normalização Bibliográfica: Maria Alice Bianchi
Editoração eletrônica: Alysson Messias da Silva